

ARQUITECTURA DE PAPEL: REALIDADE OU UTOPIA

Eduardo Carvalho*, Francisco Freire, Luís Gama e Joana Basto

Plano B Arquitectura

Rua Newton 1, 2º Direito, 1170-275 Lisboa, PORTUGAL

Internet: www.planob.com; E-mail: info@planob.com

Tema 3: Arquitectura na Contemporaneidade

Palavras-chave: Arquitectura (+) Terra (=) Utopia (?)

Resumo

There is a difference between a shaky or out-of-focus photograph and a snapshot of clouds and fog banks.

Erwin Schrödinger *The observer's paradox* 1935

O Plano B Arquitectura projecta edifícios com materiais naturais (terra, palha, madeira), utilizando a manipulação de imagens digitais para a representação das suas propostas, numa prática que é corrente nos gabinetes de arquitectura. O resultado gráfico, isto é, o projecto, não se afasta grandemente dos projectos de edifícios feitos com outros materiais.

Em algumas propostas a possibilidade de materialização dos edifícios não é sequer considerada realisticamente. Mas porque haveria de ser? O lugar da investigação arquitectónica é o escritório e não o laboratório científico. Talvez também por isso a prática da utopia seja rica entre os arquitectos.

Se a imagem, a representação, a tecnologia gráfica, permite criar edifícios que não têm que existir sob a gravidade, porque não legendar a imagem de um edifício com 1000 metros de altura como “Torre biónica em taipa geo-polímera de alta densidade”? Uma ajuda ao observador, portanto e não tanto uma mentira, quem sabe o que o futuro permitirá à construção com terra? Que diferença lhe faz se a imagem simula ferro, plástico ou outro material?

E para nós é tudo, é a possibilidade que se abre.

UTOPIA

Em 1935, Erwin Schrödinger, propôs uma ilustração do princípio da teoria quântica, conhecida como *O Gato de Schrödinger*¹, para demonstrar o aparente paradoxo entre o comportamento probabilístico da matéria ao nível microscópico defendido por essa teoria e aquilo que observamos como real no mundo macroscópico. Essa experiência imaginária não permite extrapolar que a observação influencia a realidade. Antes esclarece que num mundo de fenómenos probabilísticos, a observação *fixa* uma de entre várias probabilidades iniciais.

Se no mundo real a observação científica de um fenómeno cristaliza possibilidades independentemente do desejo do observador (o gato está morto ou vivo dependendo *apenas* do accionamento do mecanismo letal), a imaginação (entendida como uma espécie de mecanismo de observação, um *olho interno*), pode subverter as regras do jogo, adicionando *desejo* ao resultado obtido.

É fisicamente possível construir um mecanismo para simular em laboratório *O Gato de Schrödinger*, em que obteríamos, estatisticamente, 50% das vezes que a realizássemos, gatos mortos, ou podemos *apenas* imaginar a experiência sem com isso alterar a capacidade pedagógica da experiência. O interesse das utopias não é

necessariamente a sua realização (afinal qual poderia ser o interesse de ver 50% dos gatos mortos?²), mas é o facto de permitirem criar polémica, explorar alternativas e exercitar a mente.

O uso da imaginação permite-nos perscrutar todas as direcções, passado, presente e futuro. Usamos a imaginação numa espécie de ciclo cumulativo, que se alimenta dos utensílios e ideias que produz, para criar novos utensílios e ideias.

A imaginação é um processo mental *real*, resultado de acções eléctricas e químicas no cérebro. Num universo *fechado* – em que tudo, incluindo o pensamento, é parte dessa energia –, os limites da imaginação parecem ser os limites do próprio universo. Nesse sentido, tudo o que consigamos imaginar como inverosímil, vida eterna, teletransporte, viagens no tempo, telepatia, deveria estar inscrito nas regras deste universo, teoricamente passível de realização. Assim, a imaginação e a utopia ganham um carácter operacional e não apenas contemplativo.

Como será então o futuro? Estaremos condenados à lógica capitalista do consumo, às visões catastrofistas religiosas e ecologistas, ou aos cenários tecnológicos da ficção científica? Estes são cenários que imaginamos, provavelmente não serão os *reais*³. De qualquer forma o papel das utopias, já vimos, é mais o de questionar o presente do que desejar o futuro⁴.

ARQUITECTURA

A utopia distingue-se da arquitectura pela abrangência com que pretende analisar uma determinada sociedade. A arquitectura pode ser parte integrante dos modelos de sociedade utópicos, mas não consegue descrever essa sociedade. Os modelos utópicos, na literatura, no cinema, na filosofia não são auto referenciais. Não há literatura utópica, ou cinema utópico, como não há arquitectura utópica. As utopias são construções mentais, que utilizam essas disciplinas (por vezes em simultâneo) para se representarem.

Tal como a utopia (enquanto simulação de uma realidade inexistente), a arquitectura, antes de ser construção, é a representação - o projecto - de algo que não existe. Pelo facto dessa representação ser autónoma (sujeita, por exemplo, às leis da propriedade intelectual), faz com que a arquitectura se situe numa condição ambígua: arquitectura é o objecto construído, a representação que lhe deu origem ou ainda a ideia anterior à representação?

Na nossa prática de projecto, que frequentemente não passa pelo teste da construção, confrontamo-nos com a mesma dúvida. Estaremos a fazer arquitectura quando imaginamos e representamos edifícios que não são construídos?

A realização de concursos de ideias, que representa uma parte importante da fonte de trabalho para os arquitectos, é também revelador da autonomia da representação e do conceito, na prática arquitectónica. Os parâmetros de escolha, por muito objectivos que sejam no caderno de concurso (tempos de execução, custos, exequibilidade técnica e funcional, etc.), remetem para aspectos como “qualidade arquitectónica” ou “adequação arquitectónica”. A apreciação das propostas é feita, fundamentalmente, pela qualidade e clareza com que a representação é elaborada, podendo ser preteridas soluções que, construídas, satisfizessem melhor os tais aspectos de adequação e qualidade. Assim, a melhor imagem e ideia arquitectónica são os objectos de avaliação no caso dos concursos de arquitectura.

De resto, existem na História da arquitectura marcos fundamentais, que abrem caminhos novos, mas que existem apenas no papel como ensaios de futuro ou de provocação e crítica do presente. Não é esse o papel das utopias? Serão por isso menos reais ou úteis?

TERRA

A utilização da terra como material de construção impõe algumas condicionantes técnicas. A susceptibilidade à acção da água ou a sua relativa fragilidade mecânica não lhe permitem competir, nesses parâmetros, com outros materiais. Por outro lado a associação a um contexto rural e tradicional, tornam-na num material pouco credível perante as imagens recorrentes de um futuro tecnológico⁵ e urbanizado.

E no entanto, o crescente interesse pela construção em terra, utilizada sem que a necessidade económica a imponha, parece negar a eventual desadequação entre esse material e a actualidade. A procura de uma linguagem contemporânea para a construção em terra, é uma forma de torná-la num material entre outros, adequado para situações diferentes daquelas em que o léxico tradicional as utilizou.

Assim, da mesma forma que as utopias imaginam futuros para criticar e influenciar o presente, parece-nos de toda a pertinência uma prática idealizada para a construção em terra. Esta arquitectura de papel, se fútil na sua capacidade de construir a realidade, tem a capacidade de a influenciar, explorando os caminhos que podem viabilizar a construção em terra num contexto que não o tradicional.

O Plano B Arquitectura utiliza materiais naturais nas suas propostas, nomeadamente a terra. Temos reflectido sobre a viabilidade de utilização desse material num contexto contemporâneo industrializado. Utilizamos a manipulação de imagens digitais para a representação das nossas propostas, numa prática que é corrente nos gabinetes de arquitectura. O resultado gráfico, isto é, o projecto, não se afasta grandemente dos projectos de edifícios feitos com outros materiais.

Em algumas propostas a possibilidade de materialização dos edifícios não é sequer considerada realisticamente. Nesses projectos, o uso da terra pode ser entendido como uma espécie prospecção do futuro. Imaginamos técnicas de construção que não existem, utilizadores improváveis, orçamentos impossíveis.

Se a imagem, a representação, a tecnologia gráfica, permite criar edifícios que não têm que existir sob a gravidade, porque não legendar a imagem de um edifício com 1000 metros de altura como “Torre biónica em taipa geo-polímera de alta densidade”? Uma ajuda ao observador, portanto e não tanto uma mentira, quem sabe o que o futuro permitirá à construção com terra? Que diferença lhe faz se a imagem simula ferro, plástico ou outro material?

E para nós é tudo, é a possibilidade que se abre.

Bibliografia

- JAMESON, Fredric (1982) *Progress Versus Utopia; or, Can We Imagine the Future?* Science-Fiction Studies.
 - GERALD COLLINS, Samuel (2005) *One way street in a Global City: Don DeLillo and the Lugubrious Boredom of the New Economy*, Reconstruction 5.1
 - SCHRÖDINGER, Erwin (1935) *Die gegenwertige Situation in der Quantenmechanik* Naturwissenschaftlern. Comentado em <http://www.mtnmath.com/faq/meas-qm-3.html>
-

Notas

1 O *Gato de Schrödinger* descreve uma situação em que numa caixa é colocado um gato vivo e um mecanismo que a ser accionado lhe provocaria a morte. O mecanismo letal tem um funcionamento autónomo e imprevisível. Assim, enquanto a caixa não é aberta existe a mesma probabilidade de o gato estar vivo ou morto. A abertura da caixa permite averiguar qual é a condição do gato, não sendo possível que esteja vivo e morto simultaneamente. Desta forma a observação do estado do gato anula uma das possibilidades, de que poderia resultar a ideia de que foi o observador que influenciou o resultado da experiência, quando na realidade, o gato já estaria morto ou vivo antes da abertura da caixa.

2 Esta é, de resto, o maior risco que as utopias transportam: o de serem realizadas independentemente dos resultados práticos da sua aplicação.

3 *What would real change be like? What would emerge from real emergence? It is comforting to consider that real change will be thoroughly unexpected, even incommensurable from the perspective of the present.* Collins (2005).

4 *Such is the function of utopias, this literary form akin to science fiction: their essential nature has never been to represent or imagine a real future but rather to denounce our inability to conceive one, the poverty of our imaginations, the structural impossibility of our being able to generate a concrete vision of a reality that is radically different from our current society.* Jameson (1982: 147-158)

5 Embora as imagens tecnológicas de futuro apresentadas na ficção científica, sejam frequentemente acompanhadas pelas ameaças da barbárie em seu redor.

Currículo

Registado como marca em 2002, Plano B Arquitectura significa uma alternativa ao plano inicial. Exige-se que actue quando da ineficácia deste. Três arquitectos que desenvolvem projectos e protótipos de edifícios utilizando materiais naturais.

ARQUITECTURA DE PAPEL: REALIDADE OU UTOPIA

Eduardo Carvalho*, Francisco Freire, Luís Gama e Joana Basto

Figura

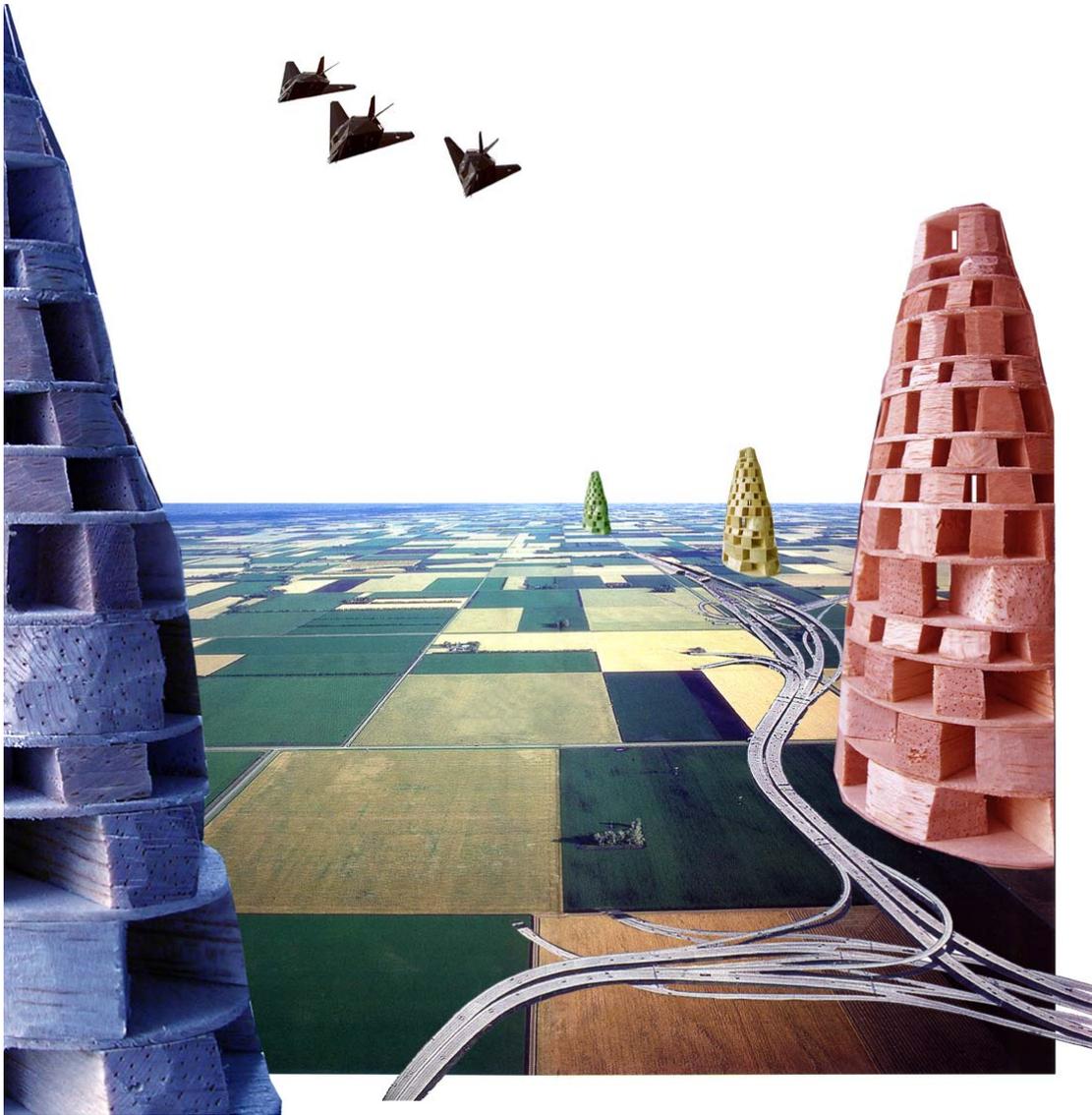


Fig.1 – Torre biónica em taipa geo-polímera de alta densidade. Projecto dos autores.